

DOSSIÊ RELIGIÕES, ESPIRITUALIDADES E EDUCAÇÃO

doi: [10.25247/paralellus.2023.v14n35.p539-559](https://doi.org/10.25247/paralellus.2023.v14n35.p539-559)

**A PERNA CABELUDA: VIOLÊNCIA SOBRENATURAL E FACTUAL
NA CIDADE DO RECIFE**

THE HAIRY LEG: SUPERNATURAL AND FACTUAL VIOLENCE IN THE CITY OF
RECIFE

LA PIERNA PELUDA: VIOLENCIA SOBRENATURAL Y FÁCTICA EN LA CIUDAD
DE RECIFE

*João Paulo Reis Braga**

*Clóvis Ecco***

RESUMO

Recife é uma cidade abundante em relatos de assombrações e, ao mesmo tempo, é também uma das mais violentas do país. A Perna Cabeluda é uma lenda urbana muito popular na capital pernambucana. Nesse artigo, estudamos as origens dessa lenda, o modo como ela se difundiu pelo Nordeste brasileiro, e o que ela revela sobre a grave situação de Segurança Pública que é vivenciada na cidade. Assim, ao analisar a relação entre os relatos de violência sobrenatural e a violência real da cidade, os resultados indicam que lendas urbanas, que perduram e são largamente difundidas como a lenda da Perna Cabeluda, podem ser uma forma subliminar de manifestação social sobre a realidade de violência sofrida por uma população que “não existe”.

* Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), em 2023. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de PE (UNICAP) em 2020, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2010. E-mail: jpreisbraga@yahoo.com.br.

** Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Possui Doutorado em Ciências da Religião pela PUC GOIÁS (2013). E-mail: clovisecco@uol.com.br.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Lendas Urbanas; Sobrenatural; Segurança Pública; Serviço Social.

ABSTRACT

The city of Recife, in Brazil, is full of ghost stories and it is also one of the most violent towns in the country. A Perna Cabeluda (Portuguese: The Hairy Leg) is a popular urban legend in this city. In this article, we shall study the origins of this legend, how it spread through the Brazilian Northeast, and what the legend can show us about the precariousness of public safety in Recife. By analysing the connection between stories of supernatural violence and the real violence that takes place in Recife, this study suggests that widespread and lasting urban legends such as A Perna Cabeluda can be a form of subliminal social manifestation – of the very real violence experienced by a population that “doesn’t exist”.

Keywords: Religious Studies; Urban Legends; Supernatural; Public Safety; Social Work.

RESUMEN

Recife es una ciudad en la que abundan las denuncias de encantamientos y, al mismo tiempo, es también una de las más violentas del país. La Pierna Peluda es una leyenda urbana muy popular en la capital de Pernambuco. En este artículo, estudiamos los orígenes de esta leyenda, cómo se extendió por el Nordeste brasileño y lo que revela sobre la grave situación de la seguridad pública en la ciudad. Así, al analizar la relación entre las denuncias de violencia sobrenatural y la violencia real en la ciudad, los resultados indican que las leyendas urbanas que perduran y se difunden ampliamente, como la leyenda de la Pata Peluda, pueden ser una forma subliminal de manifestación social sobre la realidad de la violencia sufrida por una población que “no existe”.

Palabras clave: Ciencias Religiosas; Leyendas Urbanas; Sobrenatural; Seguridad Pública; Servicio Social.

1. INTRODUÇÃO

A lenda da Perna Cabeluda? É esse o tema do artigo? Diante de um título tão inusitado, a primeira pergunta que muitos podem se fazer ao ler as páginas desse texto é: Como um artigo científico pode ter como objeto de estudo um fenômeno sobrenatural, uma vez que a epistemologia atual preza pelo empirismo naturalista? Bem, nas palavras do celebre sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987): “se tem nome, existe”. (FREYRE, 1987, p. 22). Assim, partimos do princípio de que se as lendas existem é porque também existe alguma razão para sua origem, perenidade e difusão. De fato, não há sociedade ou cultura humana conhecida em que o sobrenatural não

esteja presente. Freyre, quando escreve o livro *Assombrações no Recife Velho* (1955) relata dezenas de casos sobrenaturais, e afirma que:

O mistério continua conosco, homens do séc. XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes. Por que desconhecê-lo ou desprezá-lo em dias tão críticos não só para certas fantasias psíquicas como para certas verdades científicas, como os dias que atravessamos? (FREYRE, 1987, p. 15).

Em verdade, se o assunto é sobrenatural, o Recife sai na frente de muitas metrópoles esotéricas que existem pelo mundo. Cidade muito antiga (para os padrões brasileiros), fundada em 12 de março de 1537 pelo português Duarte Coelho Pereira (1485-1554), a capital Pernambucana foi uma das primeiras cidades de um país continental que ainda era recém “descoberto”. O Recife, e mais amplamente a Capitania de Pernambuco, foi o palco de diversos conflitos durante o Brasil Colônia, o período de Império e até mesmo depois da República (1889). Entre eles podemos citar a Batalha dos Guararapes (1648-1649); a Guerra dos Mascates (1710-1711); a Revolução Pernambucana (1817); a Confederação do Equador (1824); a Setembrada (1831); e a Revolução Praieira (1848-1850).

Após a Proclamação da República, alguns dos fatos violentos mais relevantes ocorridos na capital pernambucana foram os assassinatos de João Pessoa (1878-1930) – que iniciou a Revolução de 1930 – e de Demócrito de Sousa Filho (1921-1945). Demócrito foi morto por uma bala que, segundo testemunho do próprio Gilberto Freyre, era destinada a ele, o sociólogo (COSTA E SILVA, 2009, p. 370). Mas, até mesmo antes da chegada dos portugueses, muito sangue já era derramado nessa região. Segundo os primeiros colonizadores do litoral brasileiro, durante o período em que os milhares de cajueiros que existiam nessa região davam seus frutos, exércitos indígenas de tribos do interior vinham até a costa para guerrear com os Tupinambás e os Tupiniquins pela colheita do caju. Essas batalhas ficaram conhecidas como *guerras do acayu* (GAZZOLA *et al*, 2006). Pernambuco também foi a terra onde nasceu o pioneiro do cangaço, José Gomes (1751-1786), vulgo Cabeleira – que atacou o Recife em 1773, e depois virou uma lenda urbana de um bandido que rendia suas vítimas e levava para dentro dos canaviais.¹ Também é pernambucano o mais

¹ Esse tipo de crime é muito comum nas regiões canavieiras do estado. Ocorre que, na maior parte dos casos, as investigações (quando são feitas) não conseguem chegar aos culpados. É provável que

famoso de todos os cangaceiros, Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), vulgo Lampião. Tudo isso sem contar o intenso comércio de escravos, que produzia inumeráveis episódios de violência contra a população que vinha aprisionada da África. Segundo a historiadora Suely de Almeida: “o porto de Pernambuco figura no quarto lugar dentre aqueles que na América que mais recebeu cativos” (ALMEIDA, 2018, p. 1). Em resumo, a história do Recife é carregada de conspirações, insurgências, guerras, massacres, revoltas, assassinatos e muito, muito sangue derramado. Acontecimentos marcantes que influenciaram na trajetória da cidade, da região e do país. E que, para além dos fatores sociais, também podem ter produzido um grande número de “espíritos errantes” que não aceitaram suas mortes e continuam em busca de justiça e/ou vingança. No imaginário popular, esse também pode ser um ponto que explica as estórias assombradas dos mortos que aparecem nas águas dos rios e das praias, e no interior dos casarões e dos sobrados abandonados. Para Freyre: “O Recife está quase tão cheio desses casos e dessas casas como uma cidade inglesa desgarrada no trópico estaria. Cheio deles não só na área urbana como também nos subúrbios mais antigos” (FREYRE, 1987, p. 172).

As “assombrações estrangeiras” também marcam presença na cidade: a mula-sem-cabeça, a Véia Debaixo da Cama, o Saci-pererê e o Curupira também já foram avistados nessa terra de altos coqueiros. E todo recifense sabe que o famoso Velho do Saco (que saía pelas cidades com um saco preto roubando crianças) na verdade se chama Papa-Figo e também mora na capital pernambucana. Entretanto, por mais terríveis que elas sejam, essas assombrações forasteiras não se comparam em nível de horror com as aparições tipicamente pernambucanas: a Mulher-de-Branco, o Exu Tranca Rua e a Emparedada da rua Nova são alguns dos exemplos mais lembrados (FREYRE, 1987, p. 29). Mas não se pode esquecer, é claro, da cruel e impiedosa Comadre Florzinha, que ataca violentamente quem adentra as matas pernambucanas sem levar uma quantidade de fumo ou de mel como oferenda para ela. Contudo, nenhuma assombrança é mais violenta, mais aterrorizante, mais sanguinária, nem fez mais vítimas, do que a famigerada e perversa Perna Cabeluda.

esse seja o fator principal que leva a população a produzir estórias de criminosos sobrenaturais, como no caso do fantasma do cangaceiro Cabeleira.

2. VIOLÊNCIA SOBRENATURAL

O coautor deste artigo durante mais de 20 anos trabalhou no ramo de bares nas noites do Recife, atendendo clientes e ouvindo muitas histórias e estórias. Dentre todas, a estória sobrenatural que mais circulava entre as mesas durante esse período era o relato de pessoas atacadas por uma perna sem corpo, e que muitos desses ataques aconteceram no bairro do Recife Antigo, que é o Centro Histórico da cidade. Claro que o coautor não acreditou em tais relatos. Porém, alguns anos mais tarde, já como graduando de Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o coautor estudou boletins de ocorrência e casos de violência contra moradores da cidade do Recife, percebendo que muitos relatos haviam ocorrido no local onde está o monumento conhecido como Cruz do Patrão.

Figura 1: Cruz do Patrão



Fonte: Fotos de Benício Dias Fonte (1914-1976), (GUILLEN, 2019).

Segundo alguns autores, a Cruz do Patrão é um dos monumentos mais antigos da cidade do Recife, datado como sendo ainda do século XVI. Trata-se de uma coluna maciça de alvenaria do tipo dórica, possui seis metros de altura e cerca de dois de diâmetro, e serve como base para uma pesada cruz de pedra que tem gravadas as iniciais INRI (*Jesus Nazareno Rex Iudeo*). Conforme Freyre:

Outro lugar público com fama de mal-assombrado foi por muito tempo, e é um pouco ainda hoje, a Cruz do Patrão, no istmo que liga o Recife à Olinda. Foi a cruz levantada, não se sabe exatamente quando, entre as fortalezas do Brum e do Buraco. Parece ter sido construída por algum patrão-mor do porto do Recife, cargo que, segundo os cronistas da cidade, é muito antigo: já existia em 1654. Sabe-se que por perto da cruz enterravam-se os negros pagãos, de um dos quais a inglesa Maria Graham viu horrorizada pedaços de corpo mal sepultado

repointando da terra ou da lama. Também aí se executavam as penas capitais de fuzilamento quando impostas aos militares [...] Franklin Távora, escreveu ter sido crença, por muito tempo, que todo aquele que passasse de noite perto da cruz ouviria gemidos, veria almas penadas ou seria perseguido por “infernais espíritos”. Na verdade, mais de um incauto, passando por aquele ermo, em horas mortas, desaparecera do número dos vivos... Matutos, canoieiros, pescadores, toda a gente simples, durante anos evitou no Recife passar perto da cruz malassombrada² (FREYRE, 1987, p. 27).

Para a historiadora Lúcia Gaspar: “O local é tido como mal-assombrado porque era onde se enterravam escravos que morriam ao chegar da África. Por ser um lugar ermo, nas suas proximidades ocorriam, também, vários assassinatos e fuzilamentos” (GASPAR, 2009, p. 1). Como o istmo deixou de existir, durante os anos 70, a Cruz do Patrão foi transferida para a beira do cais do Recife, na margem esquerda do rio Beberibe, no ponto exato em que as águas desse rio encontram as águas do rio Capibaribe. Freyre, em outro de seus livros, o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, publicado em 1934, conta ainda que na época colonial, no mesmo local onde ficava localizada a Cruz do Patrão, os negros se reuniam para fazer catimbó e cultuar as divindades africanas, e que em uma dessas noite apareceu o próprio Diabo, que raptou “uma negra de toutiço gordo e sumiu com ela no meio d’água. Tudo isso, entre estouros e no meio de muita catinga de enxofre.” (FREYRE, 1968, p. 72). No entanto, ainda mais impressionante do que os registros dos historiadores sobre a Cruz do Patrão é o número de relatos que se pode encontrar sobre os ataques da Perna Cabeluda. São centenas. Nesse sentido, o escritor Roberto Beltrão faz um alerta para os incautos:

Você pode até achar a história engraçada, caro leitor, mas acredite: no Recife, são muitas as testemunhas dos feitos pavorosos do ser abominável ao qual me refiro. E se exagero nos adjetivos é porque talvez não existam substantivos capazes de descrever como é topar com a Perna Cabeluda. [...] A fuga desesperada começa, mas é inútil. Num abrir e fechar de olhos, vem a rasteira que leva o sujeito ao chão e depois os fortes chutes. O massacre termina com ele quase desmaiado, estirado rente ao meio-fio, entre gemidos e choramingos. Levado por populares à emergência do Hospital da Restauração, o

² *Malassombrada* é a transcrição de uma forma fonética característica dos recifenses de se referir a palavra mal-assombrada. A pronúncia recifense traz o som de união direta entre as duas palavras que compõem o termo, como se não houvesse o hífen, inclusive com a primeira parte da pronúncia fazendo o som “mala”.

coitado quase nada consegue dizer às enfermeiras que chegam junto à maca (BELTRÃO, 2015, p. 1).

Os relatos dos ataques desse ser sobrenatural ganharam as páginas dos jornais, notícias de rádio, artigos científicos, literatura de cordel, livros de romance, documentários, quadros artísticos, time de futebol, marchinhas e troças de carnaval, sites e até HQs. Segundo Beltrão: “de tão emblemática, a Perna Cabeluda merece figurar na galeria dos monstros e assombrações mais macabras, ao lado de lobisomens, vampiros e zumbis tão explorados pelo cinema” (TORRES, 2015, p. 02).

A fama da Perna Cabeluda correu chão e hoje já há relatos dos ataques em várias cidades do Nordeste. Além do Recife, ela já fez vítimas em Olinda (PE), em João Pessoa (PB), em Maceió (AL), em Fortaleza (CE) e etc. Mas, sem dúvida, a fama nacional e internacional chegou de fato para a Perna Cabeluda após ela ter sido incluída nos versos da música “*Banditismo por Uma Questão de Classe*” de Francisco de Assis França (1966-1997), mais conhecido como Chico Science. Certamente ele foi um dos artistas que melhor retratou a realidade do Recife. Seu álbum, “Da Lama ao Caos” está na 13ª posição dos 100 melhores discos da música brasileira, segundo a revista *Rolling Stone*. Cantada em meio ao som estridente das guitarras distorcidas, alfaias e batusques de atabaques, tudo levado numa mistura alucinante de *hip hop* e *coco*,³ a Perna Cabeluda era ovacionada ao se apresentar ao lado de Chico nos memoráveis shows que ele e a Nação Zumbi fizeram no Recife e em muitas outras cidades pelo mundo. A letra da música em que a Perna Cabeluda é citada, diz:

Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha / Não tinha medo da Perna Cabeluda / Biu do Olho Verde fazia sexo, fazia / Fazia sexo com seu alicate/ Oi, sobe morro, ladeira, córrego, beco, favela/ A polícia atrás deles e eles no rabo dela (BANDITISMO, SCIENCE, 1994)

³ Coco é uma dança de roda típica de Pernambuco. É dançada com batidas fortes com o pé no chão.

Figura 2: Chico Science (1966-1997) e a Perna Cabeluda em show nos anos 90



Fonte: LÓSSIO, 2010.

Mas de onde teria vindo ser tão monstruoso? Qual a origem da Perna-Cabeluda? Assim como ocorre com praticamente toda grande estória lendária, a gênese desse ser é algo controverso e há mais de uma versão – cada uma dessas versões tem uma fonte tão segura e tão provável quanto às demais. O escritor Bráulio Tavares faz uma observação interessante sobre o assunto:

A criatura é o oposto-simétrico do Saci Pererê. Ou seja, era uma perna-sem-pessoa, em vez de uma pessoa-sem-perna. Surgia pulando, atacava os transeuntes, dava chute em todo mundo, e depois fugia pulando. Foi cantada em verso e em prosa (TAVARES, 2004, p. 1).

Seria então a Perna Cabeluda um membro perdido de outro ser sobrenatural? O cordelista Guaipuan Vieira discorda:

Muitos contam que a origem / Vem duma história passada / Dum acidente de ônibus / Em região povoada / Uma vítima teve a perna / De seu corpo decepada / Dizem que ela criou vida / Num monstro foi transformada / Na mata ficou vagando / Procurando sua estrada (VIEIRA, 1989, p. 4).

Entretanto, o jornalista e escritor Raimundo Carrero garante que não é nada disso. Segundo ele, quando trabalhava no jornal Diário de Pernambuco, certo dia um companheiro adentrou a sala de redação e disse que havia chegado repentinamente em casa e visto debaixo da cama dele e de sua esposa uma perna cabeluda, mas sem o tronco e o restante do corpo. De acordo com Carrero, o seu grupo de amigos era formado por boêmios que gostavam de contar estórias entre si. Seria tudo uma simples piada, mas Carrero escreveu um texto sobre a Perna Cabeluda e publicou na coluna que assinava no jornal. Segundo ele:

Como vivíamos sob a ditadura militar e muito conteúdo não podia ser publicado devido à censura, o então editor do Diário de Pernambuco, e hoje ministro do Superior Tribunal de Justiça, Og Marques Fernandes, incumbiu a mim uma coluna policial com casos tido como absurdos. Surgiu aí a história da Perna Cabeluda (CARRERO *apud* VASCONCELOS, 2019, p. 1).

Porém, o também jornalista e radialista Jota Ferreira contesta a versão de Carrero, e *garante que ele é o verdadeiro pai da Perna Cabeluda*. Ferreira assevera que a lenda nasceu em um programa de rádio comandado por outro famoso radialista chamado Geraldo Freire. Ferreira trabalhava como repórter policial na atração, e conta que em um determinado plantão no Hospital da Restauração, em um dia daqueles onde não acontecia nada e não havia notícia para dar, o chefe dele deu ordem para que ele inventasse qualquer manchete que pudesse preencher o noticiário. Ferreira conta que pegou uma pessoa qualquer que estava por lá sendo atendida no hospital, anotou seu nome no papel e deu a notícia: – “Vítima de agressão física acaba de dar entrada no HR! O agressor, Geraldo, foi a Perna Cabeluda!” (FERREIRA *apud* VICENTE et al, 1996, 08m43s). Talvez algum dos dois jornalistas seja de fato o pai da Perna, porém muitos afirmam que ela é mais antiga do que esses supostos criadores. Conforme o professor Rodrigo Coimbra:

Muitas são as explicações sobre a origem da lenda. Uma a vincula ao achado de uma perna humana cabeluda que se encontrava boiando no rio Capibaribe, caso que por não ter sido solucionado pela polícia transformou-se em prato cheio para a imprensa. Que inicialmente alimentou a esperança de encontrar alguém capaz de clarear o assunto, e por isso perguntou em suas páginas: De onde veio a perna? De quem era ela? Como foi parar no rio? Quem a amputou? (COIMBRA, 2010, p. 2).

Contudo, a versão mais provável que se escuta atualmente no Recife é a de que a Perna Cabeluda é o membro fantasma de Antônio Raposo Tavares (1598-1659), também conhecido como: o Velho. Ele foi um bandeirante português que expandiu as fronteiras brasileiras durante o domínio dos espanhóis. Os historiadores contam que o Velho acabou com a vida de milhares de indígenas e de membros de missões jesuíticas. Apenas entre 1628 e 1629, ele destruiu mais de uma dúzia de reduções jesuíticas e aprisionou cerca de 100 mil índios. O Velho expulsou praticamente todos os jesuítas espanhóis da região, mas, segundo reza a lenda, por ter chutado o rosto de um padre considerado Santo, o Velho foi amaldiçoado, sendo condenado a vagar

sobre a Terra com quase todo o seu corpo no mundo espiritual, mas sua perna ainda sofrendo as chagas do mundo material.

2. VIOLÊNCIA FACTUAL

Agora chegando no lado menos sobrenatural de nossa análise, pouco nos interessa saber exatamente o que diz a lenda da Perna Cabeluda, quantas pessoas ela atacou, como foram suas investidas, e qual a sua verdadeira origem. Estas não são questões relevantes para um cientista que investiga o fenômeno de uma lenda urbana. A questão cientificamente relevante é: por que a lenda da Perna Cabeluda persiste e continua a ser difundida no Recife e em tantas outras cidades? Assim, comecemos essa parte do estudo examinando aquilo que Claude Lévi-Strauss (1908-2009) escreveu:

As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem sentido, absurdas, mas, no entanto, reaparecem em todos os lugares. Uma criação 'fantasiosa' da mente em um determinado lugar seria necessariamente única e não se esperaria encontrar a mesma criação em um lugar completamente diferente (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 20).

Destarte, para responder nossa pergunta central, é preciso que façamos um exame sobre como as lendas são formadas numa sociedade. Então, peguemos como exemplo outra famosa lenda recifense, uma que afirma ser possível ouvir choros de crianças mortas em uma das praças mais conhecidas da cidade. Um trecho de uma matéria publicada no Jornal do Commercio explica essa lenda e sua origem:

No bairro do Paissandu, a Praça Chora Menino é possivelmente um dos locais mais assombrados do Recife. Durante o século 19, uma revolta militar, conhecida como Setembrada, provocou a morte de vários recifenses. Dentre eles, muitas crianças foram assassinadas pelos militares e muitos desses pequenos foram enterrados no local onde hoje está a praça. Desde então, dizem que quem passa pela praça tarde da noite pode ouvir choro de criança. Contam que é um pranto fantasmagórico sem semelhança com sons emitidos por quem está vivo (JORNAL DO COMMERCIO, 2019, p. 1).

A Setembrada foi um levante de militares ocorrido em 1831, durante o período regencial. Ocorreu simultaneamente nos estados do Maranhão e de Pernambuco. Esse acontecimento é, provavelmente, o mais sangrento entre os vários atos de insurgência que aconteceram em terras pernambucanas. Esses levantes contra a

presença lusitana no Brasil se intensificaram após a abdicação de D. Pedro I em favor de seu filho naquele mesmo ano. Todas as revoltas foram brutalmente reprimidas. E no caso da Setembrada, saques, espancamentos, estupros, assassinatos, massacres e outras crueldades foram cometidas por soldados insubordinados, revoltados com o valor dos soldos que recebiam, e por isso saíram espalhando o terror pela cidade, exigindo a expulsão dos portugueses. A batalha final contra esses revoltosos sanguinolentos aconteceu no descampado onde posteriormente foi construída a praça Chora Menino. Recorrendo a Freyre outra vez, sabemos que:

A lenda diz que depois do saque da tropa insubordinada que guarnecia o Recife, na revolta de 1831, conhecida por Setembrada, em que os soldados e vários indivíduos mais associados a eles arrombavam e saqueavam, cometendo toda a sorte de atrocidades, o Recife ficou cheio de gente morta; e que naquele sítio [onde fica a Praça Chora Menino] foi sepultado grande número de vítimas falecidas; e que, tempos depois, quem passasse alta noite por aquela paragem ouvia sempre 'choro de menino'. Talvez menino morto ali enterrado (FREYRE, 1987, p. 31).

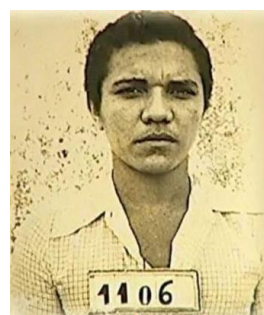
Claro que não sabemos se há uma explicação naturalista para os diversos relatos de choros de menino ouvidos naquele local. O mais provável é que os choros venham de fato de crianças dos arredores, que estão sofrendo algum tipo de enfermidade ou foram dormir “de coro quente” com alguma pisa que levaram. Ou, ainda, pode ser o que também nos esclarece Freyre: “A verdade, porém, é que há (uma espécie de) sapo que faz um ruído muito parecido com choro de menino, podendo neste caso o leitor optar pela interpretação da história natural, sem irritar os entusiastas da interpretação sobrenatural” (FREYRE, 1987, p. 31). O fato é que, se existem fantasmas ou não na praça Chora Menino, também é algo irrelevante para a presente análise. O que importa para nós é observar que as lendas não surgem do nada. Mesmo aquelas que são intencionalmente inventadas trazem elementos da realidade social vivida por seus criadores. Praticamente todo mito, todo relato sobrenatural, toda estória lendária, carrega em si elementos que revelam muitos aspectos relevantes da sociedade onde emerge e perdura. Podemos pegar como outro exemplo a própria música “Banditismo...” de Chico Science, já mencionada antes. Na mesma estrofe em que Science cita a Perna Cabeluda, ele também fala de Galeguinho do Coque e de Biu do Olho Verde, dois criminosos que de fato existiram e que ficaram bastante

conhecidos em todo o estado e na região Nordeste. Segundo a reportagem do Diário de Pernambuco:

Nos jornais das décadas de 1970 e 80, é possível identificar dois capítulos na saga de José Everaldo Brito, vulgo Galeguinho do Coque. Em um primeiro momento, apavorou a população por causa de seus assaltos à mão armada. Depois, ressurgiu como pastor evangélico, com emprego na Câmara dos Vereadores de Jaboatão. [...] Identificado pela cor dos olhos, pela ousadia de seus crimes e por ser bastante sedutor, Biu do Olho Verde (João Vicente Valentim Silva) é um exemplo de bandido cuja fama é uma mistura entre realidade e ficção. Ele realmente aterrorizou os moradores de Olinda e Recife na década de 1970, com direito a manchetes em jornais, mas uma de suas marcas registradas é pura invenção: beliscar os bicos dos seios de suas vítimas [...] Essa folclorização da violência é abordada criticamente na música *'Banditismo por Uma Questão de Classe'*, de Chico Science, cuja letra menciona Biu do Olho Verde, Galeguinho do Coque e a Perna Cabeluda, figuras que foram notícia no jornalismo policial pernambucano por causa de histórias violentas nem sempre verdadeiras. Alguns deles eram menores de idade e a passagem do tempo mostra que podem ter sido muito mais vítimas de injustiças sociais do que cruéis algozes (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2015, p.1).

A própria biografia de Biu do Olho Verde deixou de ser a história de um adolescente que fugia ao estereótipo comum do bandido por ter olhos verdes e pele branca, e foi transformada na estória de um terrível fantasma que torturava as vítimas do sexo feminino apertando-lhes os bicos dos seios com um alicate. Atualmente, Biu do Olho Verde figura entre as principais lendas urbanas do Recife. E, justamente por ser apresentado como uma lenda, muitos imaginam que ele nunca existiu.

Figura 3 (esquerda): Galeguinho do Coque
Figura 4 (direita): Biu do Olho Verde



Fonte: Fig. 3, Foto Luiz Chagas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2015)

Fonte: Fig. 4 (DANTAS, MAGALHÃES, ACCIOLY, 2003)

Porém, não é só na estrofe em que a Perna Cabeluda é citada que existem elementos do cotidiano recifense. Na verdade, a letra inteira da música de Science retrata bem a

situação de violência extrema vivida por parte da população do Recife, e de como o banditismo e as lendas urbanas devem ser observados como fenômenos sociais que merecem atenção. A letra completa de Science diz:

Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha / Não tinha medo da Perna Cabeluda / Biu do Olho Verde fazia sexo, fazia / Fazia sexo com seu alicate / Oi sobe morro, ladeira, córrego, beco, favela / A polícia atrás deles e eles no rabo dela / Acontece hoje e acontecia no sertão / Quando um bando de macaco⁴ perseguia Lampião / E o que ele falava, outros hoje ainda falam / Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e bala / Em cada morro uma história diferente / Que a polícia mata gente inocente / E quem era inocente hoje já virou bandido / Pra poder comer um pedaço de pão todo fudido / Banditismo por pura maldade / Banditismo por necessidade / Banditismo por uma questão de classe (SCIENCE, 1994).

É incorreto pensar que a letra de Science é uma apologia ao crime e que sua menção à lenda da Perna Cabeluda é algo simplesmente folclórico, de cunho meramente lúdico. Antes disso, o que a música “Banditismo...” busca fazer é transportar o ouvinte para uma realidade brutal de miséria urbana, onde a opressão sofrida também terá como reação uma violência desmedida. Paulo Henrique de Souza fez uma análise da letra e concluiu que:

Esta tendência é confirmada pela recorrência à violência desumanizadora; pela sua aproximação aos instintos sexuais, ao medo e à degradação; pelo determinismo inferido da tese central da canção [...] É possível enxergar em tal dado a confirmação do banditismo como reação à violência promovida pelo estado para manutenção de privilégios de classe, num processo de legitimação da ação violenta dos bandidos marginalizados e da própria estrutura da canção (SOUZA, 2013, p. 640).

Assim como há menção aos criminosos reais na música de Science, ou como no caso da praça “malassombrada” que tem o elemento histórico da batalha e dos corpos enterrados naquele local, ou ainda no caso da Cruz do Patrão, onde também aconteceram assassinatos, enterros e rituais macabros, também há uma referência realista em um dos relatos associados à origem da Perna Cabeluda: uma perna teria aparecido boiando nas águas do rio Capibaribe. Segundo Hannah da Fonseca:

⁴ Macaco é o nome pelo qual muitos moradores das cidades do interior de Pernambuco chamavam os policiais. A alcunha é uma referência ao uniforme marrom que usavam com um cacete pendurado, que parecia um rabo.

A referência [na música ‘Banditismo...’] a Perna Cabeluda também não é para menos, surgida a partir de um boato de uma perna encontrada a boiar no rio Capibaribe, e alimentada pela ânsia por atenção de alguns veículos de imprensa, a Lenda da Perna Cabeluda arremata o processo de ‘folkcomunicação’ – que mistura a tradição popular, acontecimentos históricos com o contexto massivo – o qual possibilitou um lugar cativo no imaginário popular e na cultura local para estes acontecimentos (FONSECA, 2015, p. 169).

Recife é considerada uma das cidades mais violentas do país e do mundo. O “Atlas da Violência”, divulgado todos os anos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), já há vários anos aponta a capital pernambucana entre as 10 cidades com o maior índice de homicídios por número de habitante do país, ela ainda está sempre entre as 30 primeiras cidades com maior taxa de assassinatos no mundo, comparável apenas a países que estão em situação de guerra ou conflito urbano armado. (IPEA, 2019). Além de dívidas de tráfico, do banditismo, das rixas familiares, dos “crimes de honra e demais crimes de proximidade” (a grande maioria como desfecho de bebedeiras e discussões), o Recife também possui uma grande quantidade de “esquadrões de extermínio”, que, em sua maioria, são comandados e formados por policiais que também são criminosos. Esses grupos são tão comuns no Recife, quanto às milícias o são no Rio de Janeiro (não obstante, as milícias também existam na capital pernambucana e “confundam” suas funções com as dos grupos de extermínio).

Em 2010, o coautor desse artigo teve a oportunidade de participar de pesquisa coordenada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Segurança Pública (NEPS/UFPE), onde foram realizadas entrevistas com dezenas de presos, cada um deles acusado de dezenas de assassinatos. Durante as entrevistas anônimas, muitos confessavam sua participação em grupos de extermínios e como esquartejavam e desovavam suas vítimas nos vários rios da cidade para dificultar as investigações.⁵ Por razões como essa não é muito incomum se encontrarem pedaços de corpos, ou corpos inteiros, boiando nos rios, lagos, açudes e canais da Região Metropolitana do Recife. No caso da Perna Cabeluda, se ela surgiu como uma lenda, uma estória criada

⁵ É válido ressaltar que, apesar de atroz, a prática de desmembramento e desova de corpos nas águas de rios, mares, lagos e oceanos, é uma estratégia comum entre os assassinos e ocorre em muitos outros lugares além do Recife. Um dos homicidas entrevistados na pesquisa do NEPS contou que um dia, após a desova de alguns corpos na Baía de Todos-os-Santos (BA), saindo do local, ele e os comparsas encontram com outro grupo de extermínio que também vinha desovar corpos naquele mesmo local no mesmo momento. Segundo ele: “aquela baía é um imenso cemitério”.

por alguém, ela persistiu como uma comprovação factual da violência que assola a capital pernambucana há décadas. Talvez por isso a lenda se tornou incontável, no sentido de que mesmo depois que os seus supostos criadores afirmaram não existir de fato uma perna monstruosa solta pela cidade, os relatos dos ataques da Perna Cabeluda continuaram surgindo. E como, em geral, a vítima do ataque da Perna é a única testemunha presente no acontecimento, é a palavra dela que vale. O radialista Jota Ferreira conta que a rádio Jornal do Commercio chegou a sofrer pressões das autoridades para que parassem de divulgar notícias dos ataques da Perna Cabeluda, mas que eles não tinham como evitar, uma vez que os relatos vinham da população. Ferreira diz que:

Realmente existia essa ameaça por parte do dr. Demerval de tirar a emissora do ar se nós continuássemos com essa estória da Perna Cabeluda. Dr. Demerval, na época, era o diretor do departamento de censura da Polícia Federal. Ainda bem que nós conseguimos provar ao dr. Demerval que não tinha como a gente mudar as regras do jogo porque não era a gente. O cara bebia, levava uma camada de pau, e chegava no HR [Hospital da Restauração] pra dizer que tinha sido agredido pela Perna Cabeluda. Aí não podia conter [os relatos] (FERREIRA *apud* VICENTE *et al*, 1996, 11m30s).

Assim como muitas capitais brasileiras e de vários outros lugares do mundo, não é de hoje que o Recife também sofre com um grande número de pessoas em situação de rua. No entanto, tão chocante quando deveria ser ver alguém vivendo assim, também é a falta de dados oficiais consistentes e acurados sobre o tema. Simplesmente o Brasil nunca realizou levantamentos nacionais para mensurar o tamanho efetivo da população morando nas ruas. E justamente por não residir em um imóvel, essas pessoas são ignoradas pelos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por isso, nada temos além de estimativas imprecisas. De acordo com a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara Federal dos Deputados, as únicas pesquisas conhecidas são:

Uma realizada entre 2007 e 2008 pelo então Ministério da Cidadania. Porém, o levantamento não foi feito em todo o território nacional. O público alvo foram pessoas com 18 anos completos ou mais e abrangeu 71 cidades. Foram detectados 31,9 mil adultos em situação de rua. [...] E uma pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e divulgada em 2016, que teve como base Censo do Sistema Único de Assistência Social em 1.924 cidades, estima que cerca de 102 mil pessoas vivem nas ruas do Brasil (CDHM, 2020, p.1).

Mas esses levantamentos demonstram estar muito longe da realidade. Por exemplo, quando o Governo Federal organizou um plano de distribuição de renda emergencial em 2020, em função da pandemia, o Ministério da Economia encontrou 38,1 milhões de pessoas que o próprio governo chamou de “invisíveis”, por definição: pessoas que não tinham carteira assinada e não recebiam qualquer benefício social antes de terem direito ao auxílio. Mesmo que contemos com centenas de milhares de casos de pessoas que receberam o auxílio de forma fraudulenta e sem precisar, ainda assim é chocante saber que o governo não tem informações sobre quase 40 milhões de membros de sua população. Se essas pessoas são invisíveis para o governo, então o que dizer da população em situação de rua? Nem mesmo os institutos de pesquisa oficiais, como IBGE e o Ipea, fazem o acompanhamento demográfico dessa população.

Diante de uma realidade tão espantosa em termos de ausência de números confiáveis sobre a verdadeira quantidade de pessoas que vivem em situação de rua, pode muito bem ser correto o que diz Lenildo Monteiro do “Movimento Nacional de População em Situação de Rua”, quando afirma que “são 1 milhão de brasileiros vivendo na rua hoje.” (MONTEIRO *apud* CDHM, 2020). Sendo que, a situação foi muito agravada nos derradeiros anos, após a pandemia, a invasão da Rússia à Ucrânia, e a total incapacidade do governo federal de dar respostas para as questões econômicas do país. No caso específico do Recife, apenas nos limites geográficos da cidade, vive uma população total estimada em mais de 1.650.000 pessoas (IBGE, 2020),⁶ mas se ampliarmos o olhar para a região metropolitana da capital, em 2018, o total de moradores já ultrapassava 4 milhões de pessoas.⁷ (GOV.PE, 2020). Em que pese esse grande contingente populacional, numa cidade que o IBGE acaba de identificar como a capital mais desigual do país, a prefeitura da cidade do Recife identifica como população de rua um minúsculo universo, formado apenas por aqueles que ela atende em suas unidades de assistência social. Obviamente, ficam de fora dessa conta todas as pessoas que não procuram esse serviço, mesmo que habitem as beiras de canais,

⁶IBGE, População Estimada do Recife, 2020. Disponível: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/recife.html>> Acesso: 15.12.2020

⁷ População estimada da RMR (42,7% da população pernambucana). GOVERNO DE PERNAMBUCO, 2020. Disponível: <<https://www.pdui-rmr.pe.gov.br/RMR>> Acesso:15.12.2020

as calçadas ou em baixo dos viadutos. Conforme a mestre em Serviço Social, Danielle Soares:

Em matéria intitulada *População de rua cresce no Recife*, publicada pelo jornal Folha de Pernambuco, em 21 de abril de 2017, o Ministério Público de Pernambuco divulgou que existiam mais de 3 mil pessoas vivendo em situação de rua, apenas na cidade do Recife. A gestão da Prefeitura do Recife contestou a informação, afirmando que no ano de 2016 contabilizava 976 pessoas vivendo nesta condição. A contradição de informações e a falta de atuação do poder público demonstra o descaso no sentido de atender este segmento (SOARES, 2018, p. 18).

Fato é que o Recife sempre teve taxas elevadas de desemprego, o que aumenta o número de desabrigados. A população de rua rapidamente ocupa imóveis abandonados, que em pouco tempo transformam-se em local de tráfico, prostituição, violência e assaltos. Esse quadro é especialmente agravado pela epidemia de crack que se dissemina de forma descontrolada na cidade há pelo menos duas décadas, sem que quase nada seja feito pelas autoridades para combater esse fenômeno incomensuravelmente deletério. Simultaneamente, em grande parte da cidade atuam grupos de vigilância informal, que oferecem serviços de segurança e cobram um determinado valor de moradores e comerciantes para “manter a área limpa”, no sentido de impedir que aconteçam pequenos furtos e expulsar pessoas sem moradia fixa que tentam se instalar em imóveis vazios, praças e outros pontos da localidade. Muitas vezes esses grupos são chamados de “turmas do apito”, pela forma como se comunicavam à noite (antes do *whatsapp*, mas que continua sendo utilizado para mostrar aos moradores que os vigias estão ali). A maioria desses grupos são comandados por policiais, que, não raro, estão ligados também a grupos de extermínio. (JORNAL DO COMMERCIO, 2019, p. 1). Esses dois fatores somados a uma polícia (militar e civil) extremamente truculenta demonstram como pode ser alta a taxa de agressões, chutes, rasteiras e pontapés que são distribuídos todos os dias numa metrópole como o Recife, e demonstram também porque lendas como a da Perna Cabeluda persistem e se difundem nas sociedades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Perna Cabeluda pode até parecer uma história absurda, onde tudo foi inventado e não há nada de cientificamente relevante que possa ser encontrado nessa lenda. E talvez essa afirmação seja, de fato, verdadeira. Por outro lado, não podemos esquecer da lição shakespeariana de que “há mais coisas entre o céu e a terra do que é capaz de imaginar a nossa vã filosofia”, e também vale lembrar de um velho ditado espanhol que diz: “*No creo en las brujas, pero que las hay, las hay!*” (Não creio em bruxas, mas que elas existem, existem!). Entretanto, em nossas conclusões podemos afirmar que, quando se trata de violência sobrenatural, muitas das supostas aparições podem ter como explicação o simples fato de serem relatos e/ou projeções mentais produzidas em função do sentimento de medo que acomete as vítimas no momento em que elas são atacadas, ou, atacam a si mesmas. Não obstante, afirmar que todos esses ataques acontecem por esse motivo psicológico é uma generalização que demonstra ser incorreta.

Sem dúvida, muitos fenômenos observados e registrados não encontram explicação científica naturalista, por mais que tenham sido estudados por pesquisadores de várias áreas da Ciência. Porém, no caso da Perna Cabeluda, nada impede que realmente todos os relatos sejam apenas de pernas humanas comuns de policiais, de vigias e/ou de delinquentes juvenis endinheirados que chutam bêbados e moradores de rua. Nesse caso, a violência sobrenatural pode não ser nada mais do que um reflexo da violência factual em uma cidade extremamente perigosa. Assim sendo, a lenda da Perna Cabeluda pode ser compreendida como uma metáfora social da opressão que moradores de rua e demais segmentos das populações vulneráveis sofrem em uma cidade sequestrada por uma polícia absurdamente violenta, grupos de extermínio, milícias, grupos de vigilância clandestina, assaltantes, traficantes e afins.

As lendas trazem elementos sobrenaturais e factuais mesclados para se retratar uma compreensão mais elevada de uma realidade social vivida por uma população que não tem vez nem voz. Em verdade, foi essa mescla que fizemos nesse estudo. Pois, entendemos que quando um Cientista Social e/ou da Religião se depara com uma determinada lenda local, é seu dever refletir sobre as verdades implícitas na narrativa,

buscando compreender o porquê de ela ter surgido e perdurado naquela sociedade. Nas palavras de Freyre:

‘Nada significava para a história da cidade’. ‘Era lenda’. ‘História da carochinha’. Argumentos de quem nunca leu aquela página de Chesterton em que o ensaísta inglês lembra que uma lenda é obra de muitos e como tal deve ser tratada com mais respeito do que um livro de história: obra de um único homem. E antes de Chesterton já dizia a sabedoria francesa: *Une légende ment parfois moins qu’un document* (Às vezes, uma lenda mente menos do que um documento) (FREYRE, 1987, p. 30).

Por fim, acreditamos que o surgimento de relatos de ataques da Perna Cabeluda em outras cidades e regiões além da Região Metropolitana do Recife pode ser mera conversa de gaiatos, mas pode também indicar índices alarmantes de truculência policial, de grupos de extermínio e de segurança clandestina que promovem violência (não-letal e letal) contra a população de rua daquela determinada sociedade. Violência essa que, como vimos antes, é muito difícil de ser mensurada em função da quase inexistência de dados confiáveis sobre essa população. Ou seja, em termos estatísticos, oficialmente, é como se essas pessoas não existissem. Então como estudar a violência sofrida por uma população que não existe? Talvez isso seja tão difícil quanto analisar cientificamente uma lenda urbana!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Cordeiro de. **Rotas Atlânticas: o comércio de escravos entre Pernambuco e a Costa da Mina** (c. 1724-c. 1752). História (São Paulo), v. 37, 2018.

BELTRÃO, Roberto. **A Medonha Perna Cabeluda**. O Recife Assombrado, 2015. Disponível em: <<https://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/a-medonha-Perna-Cabeluda/>> Acesso 14 dez. 2020

COIMBRA, Rodrigo. **Por Trás de Uma Letra Há Um Universo**, 2010. Disponível em: <<https://rodrigocoimbra.wordpress.com/2010/05/06/por-tras-de-uma-letra-ha-um-universo/>> Acesso em: 14 dez. 2020

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS (CDHM). **Medidas de Apoio à População em Situação de Rua Durante e Pós-pandemia**. Câmara dos Deputados, Brasília, jul. de 2020. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/medidas-de-apoio-a-populacao-de-rua-durante-e-pos-pandemia-sao-debatidas-pela-sociedade-civil-e-deputados-uma-delas-e-priorizar-votacao-de-pls-no-congresso>> Acesso: 17.03.2022

COSTA E SILVA, Valéria Torres et al. **A Modernidade nos Trópicos: Gilberto Freyre e os debates em torno do nacional**. Recife, ed. Carpe Diem, 2009.

DANTAS, Amanda; MAGALHÃES, Karlilian; ACCIOLY, Talitha. **Biu do Olho Verde** - Documentário. Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 2003. (27 min.) Disponível em: <<https://vimeo.com/122109684>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Bandidos Famosos do Estado Inspiram Produções Artísticas**. 16 mar. 2015. Viver, p. 01. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/03/bandidos-famosos-do-estado-inspiram-producoes-artisticas.html>> Acesso em: 17 jun. 2022

FONSECA, Hannah Bethlen Monteiro Warren et al. **Da Miséria ao Caos**: significações em Banditismo Por Uma Questão de Classe. *Revista Transgressões*, v. 3, n. 2, p. 167-173, 2015. Disponível: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/download/7723/5851>> Acesso em: 11 mai. 21

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro, ed. Record, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórica e sentimental da cidade do Recife**. José Olympio, 1968.

GASPAR, Lúcia. **Cruz do Patrão**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> Acesso em: 22 set. 2020

GAZZOLA, J. et al. **A Amêndoa da Castanha-de-caju**. Congresso a Sociedade Brasileira de Economia E Sociologia Rural, Fortaleza, 2006. Disponível: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/859607/1/Aamendoadacastanhadecaju.pdf>> Acesso em: 11 fev. 2022

GUILLEN, Isabel. **Cruz do Patrão**. Lugares de Memórias da Escravidão e da Cultura Negra em Pernambuco, 05 fev. 2019. Disponível em: <<https://memoriaescravidaope.wordpress.com/2019/02/05/cruz-do-patrao/>> Acesso em: 17 mar. 2022

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). **ATLAS DA VIOLÊNCIA** Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>> Acesso em: 15 dez. 2020

JORNAL DO COMMERCIO. **Halloween do Recife**: conheça a lenda da Perna Cabeluda, 2019. Disponível: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/10/31/halloween-do-recife-conheca-a-lenda-da-perna-cabeluda-391683.php>> Acesso: 14 dez. 2019

JORNAL DO COMMERCIO. **Operação Mira 'Guardas do Apito' no Recife, Camaragibe e Paudalho**, publicado em 23.07.2019. Disponível: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2019/07/23/operacao-mira-guardas-do-apito-no-recife-camaragibe-e-paudalho-383871.php>> Acesso em: 17 jan. 2020

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Edições 70, Lisboa, 1978.

SIENCE, Chico; ZUMBI, Nação. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994.

LÓSSIO, Rúbia. **Entrevista Roberto Beltrão**. Museu de Arte Popular, Recife. 19 ago. 2010. Disponível em: <<https://museudeartepopular.wordpress.com/tag/mitos-e-lendas-do-recife/>> Acesso. 03.12.2020

SOARES, Danielle Karina Santos Oliveira Pedrosa. **População Adulta em Situação de Rua em Recife e Região Metropolitana**. 2018. Dissertação de Mestrado. UFPE. Disponível: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35227>> Acesso: 10 dez. 2020

SOUZA, Paulo Henrique Vieira. **Caminhos Para Uma Análise De Chico Science & Nação Zumbi**, anais XVI congresso internacional em humanidades, 2013. Disponível:

<<http://unb.revistainterambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/11543/2888.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2020

TAVARES, Bráulio. **A Perna Cabeluda**. Campina Grande, Jornal da Paraíba, 2004. Disponível em: <<http://mundofantasma.blogspot.com/2008/08/0519-perna-cabeluda-17112004.html>> Acesso em: 07 nov. 2020

TORRES, Felipe. **Lenda da Perna Cabeluda Inspira Nova HQ do Recife Assombrado**. Recife, Diário de Pernambuco, 2015. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/03/lenda-da-Perna-Cabeluda-inspira-nova-hq-do-recife-assombrado.html>> Acesso em: 09 nov. 2020

VASCONCELOS, Lucas. **Terror no Recife**., 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/perna-cabeluda.phtml>> Acesso em: 18 ago. 2020

VICENTE, Gil; Marcello GOMES, Marcelo; NORMAL, Beto; JUNIOR, João. **A Perna Cabeluda Documentário**, Recife, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rJiNa3UTq_M> Acesso em: 14 dez. 2020

VIEIRA, Guaipuan. **A Terrível História da Perna Cabeluda**. Fortaleza, ed. Saber Genial, 1989. Disponível: <<https://www.sabergenial.com.br/literatura/literatura-de-cordel-a-terrivel-historia-da-Perna-Cabeluda>> Acesso em: 03 dez. 2020